

Latifundiários improdutivos em terras por muitos reclamadas

06 ABR 1980

Mais de vinte anos em Brasília e sempre dedicado ao comércio rodoviário e imobiliário, o presidente da firma IMOBILIÁRIA CINZEL, localizada no centro de Taguatinga, considera a necessidade de ser reestudado o plano de ocupação da Capital da República, com a correção de falhas cometidas no início de sua construção.

"Acredito que não existem dez por cento das MSPW ocupados mantendo assim o Plano Piloto poucos privilegiados com áreas enormes sem condições do total aproveitamento. E isto — prosseguiu — deixa a clara identificação de latifundiários em pleno coração da cidade, quando todos gritam, até mesmo os que ajudaram a construir, por um terreno onde possam construir".

Nestas suas palavras, o corretor José Hildefonso Betencourt admitiu, como outros colegas que tratam do assunto, a

hipótese de o governo utilizar seus instrumentos para a execução de um trabalho "digno de inovação, por bem aceito em meio à grande população brasiliense, sem prejuízos para os que têm direitos adquiridos".

"Brasília, pelo sua posição geotopográfica precisaria ter um bairro de luxo. E cada MSPW poderia ser dividida em vinte lotes de 1.000 metros cada um. Isso desafogaria o governo e facilitaria uma ocupação seletiva das residências sofisticadas aí construídas".

É sabido que, enquanto dormem terras infundáveis nas MSPW, com seus proprietários residindo fora de Brasília, deixando-as sob responsabilidade de um simples caseiro que planta alguma coisa, há aqui lotes de até 80 m² para casas geminadas, ou de 200 m² para as soltas. E cada lote daqueles, em Ceilândia e Taguatinga, custa a média de Cr\$ 550 mil".

ESPECULAÇÃO

Sobre as possibilidades de vir a surgir especulação imobiliária, caso o governo venha tomar alguma decisão relativamente à construção de residências nas MSPW, quebrando assim a legislação atual que admite apenas 3 imóveis em cada uma, disse José Betencourt que "o governo poderá, também, fiscalizar o abuso que fatalmente surgirá em tais situações".

UM MORADOR

Maurício Galinkin, que se diz morador em uma MSPW, funcionário de IPEA (engenheiro ou jornalista), em volumoso artigo, não assinado, entregue à direção de PLANTÃO IMOBILIÁRIO, acusa as "imobiliárias de estarem fazendo campanha para beneficiarem-se de lucros acima de 2.000% (!), sem qualquer benefício para a população da cidade". Galinkin aponta al-

gumas áreas conhecidas no Lago, tanto Sul quanto Norte, ainda não ocupadas, compostas de lotes já divididos entre 600 e 1.100 m², sem contar-se as CHs, MLs e MUDBs.

"Quem mora no Park Way — seja proprietário ou peão" — diz Galinkin — é quem faz opção por estar junto à Natureza e preocupado com ela, pois ali não se encontram as facilidades disponíveis para quem mora no Lago ou nas Superquadras. É outro estilo de vida, muito diferente do padrão das áreas da classe média e alta de Brasília".

Nesta sua autodefesa, acrescenta, sobre o título de Falso "Problema", que na verdade o problema de terrenos para a classe média não existe em Brasília: as áreas SHIS e SHIN possuem uma quantidade de lotes construídos muito superior à capacidade de investimento em construção da citada classe (média), ou a sua intenção de construir".